

A abordagem da dimensão estética do projeto de paisagismo adquire novas formulações na sociedade contemporânea, com propostas arrojadas para o espaço livre urbano, tanto na esfera pública como na privada. Entendendo a arte como *“o conjunto de atos pelos quais muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela Natureza e pela Cultura”*¹, a necessidade da invenção, do onírico e do poético surge com maior intensidade na atualidade, revalorizando o aspecto plástico que o espaço contém, sem, contudo, minimizar os aspectos funcional, ambiental, social ou cultural a serem contemplados.

Tanto sob o aspecto da inserção da obra de arte na paisagem, como a partir da postura que agrega às intervenções urbanas nova ênfase ao conjunto proposto como objeto artístico, variadas manifestações no exterior e na produção nacional começam a despontar, sinalizando novas possibilidades, pautadas pela diversidade de posturas e resultados.

A composição espacial modela os terrenos, esculpe a água, insere elementos e volumes que instigam o usuário. A própria intervenção se converte em objeto único, de entretenimento e conhecimento, superando seus programas tradicionais, em grande parte voltados para a constituição de espaços livres destinados à recreação e à contemplação. Segundo Bernard Tschumi, autor do Parc de la Villette, em Paris, *“o conceito de espaço verde se esgota perante a realidade do parque cultural”*², pois este surge do contexto urbano que o acolhe, em oposição ao espaço livre imbuído de um papel mitigador das mazelas da grande cidade. Tais oportunidades oferecidas pelas propostas formais atuais retomam o caráter precípua da arquitetura, que seria o de dar forma aos espaços, aos volumes, aos objetos, dentro de uma situação histórica particular, porém, superando esta limitação quando emerge sua proposta artística em um grau tal que permita *“a união do indivíduo com o todo”*³.

Novos materiais que remetem a situações pouco usuais na história do paisagismo, como o aço corten, chapas de alumínio estampado, pedras em formatos e cortes inusitados e materiais reciclados já são amplamente utilizados, sugerindo outras contextualizações e, por que não, questionando princípios caros ao fazer paisagístico. A vegetação é manipulada como um elemento de criação espacial, revisando usos consagrados e reforçando o caráter plástico do espaço proposto, graças a uma grande liberdade expressiva. Lugares são criados de modo a refletir a realidade urbana contemporânea, denotando um processo de leitura compatível com a cidade atual, superando pressupostos conservadores a envolverem cotidianos pretéritos, e, principalmente, princípios arraigados que nortearam a relação do homem com a natureza.

Parques, praças, espaços livres corporativos e até mesmo jardins residenciais procuram revelar essa dimensão estética que abriga, simultaneamente, as novas formas de vida geradas pelas relações produtivas e sociais da pós-modernidade, sob a égide das profundas transformações as quais ocorrem na percepção espaço-tempo no final do século 20, e as novas demandas das populações urbanas, com sua permanente expectativa por locais de convívio, proximidade com os elementos “naturais” e desenvolvimento de

Editorial

atividades ao ar livre. O intento de transcender a busca recorrente pelo caráter bucólico e pitoresco insistentemente associado ao projeto do espaço livre, gera, a partir dessas releituras que visam entendimento dos mecanismos sociais em acelerada transformação, uma gama de produtos na qual a demanda humana pela arte torna-se acessível a todos os segmentos sociais.

Este número da revista *Paisagem e Ambiente: ensaios* traz o artigo de Angelo Serpa sobre o Parque André Citroën, corroborando nossa tese inicial, acerca das revisões das propostas sobre o espaço livre urbano, ante as premissas do momento histórico atual, destacando a entrevista com seu autor, o paisagista Gilles Clément, e discutindo a linguagem projetual que o mesmo adota em sua prática profissional.

Na seção História, dois artigos são apresentados, discutindo as transformações da paisagem brasileira em dois momentos distintos. A organização dos quintais domésticos revela, segundo Guilherme Mazza Dourado, o futuro dos espaços vegetados nas cidades brasileiras e a ação do colonizador nesse processo. Já Ana Rita Sá Carneiro, no artigo “Os espaços verdes na história do Recife”, apresenta-nos um estudo sobre a cobertura vegetal daquela cidade, para análise da construção de suas variadas paisagens, avaliando o processo sob uma perspectiva histórica, a partir da pesquisa Espaços livres do Recife .

A questão, que se coloca cada vez mais urgente entre nós, sobre a preservação de jardins históricos, é o objeto do texto elaborado por Bruno L. D. De Angelis e Generoso De Angelis Neto, expondo conceitos e tópicos para a abordagem do restauro e gestão desses espaços, diante de suas características peculiares, tanto no âmbito técnico como administrativo.

O trabalho elaborado por Rogério Akamine pesquisa a apropriação e desempenho dos espaços livres na cidade de Osaka (Japão), oriundos de operações urbanas efetivadas entre o poder público e a iniciativa privada, contribuindo para o conhecimento de outras experiências na área de políticas urbanas. Também no sentido de ampliar o debate sobre intervenções urbanas, o artigo “Sustentabilidade da urbanização em áreas de restinga: uma proposta de avaliação pós-ocupação” aborda a urbanização de áreas de restinga, de reconhecida fragilidade ambiental, discutindo suas possibilidades e especificidades.

Finalmente, mas com muita satisfação, destacamos a criação da seção Depoimentos, voltada para o registro da produção paisagística brasileira, realizado por meio de um ciclo de entrevistas com arquitetos e profissionais que atuam sobre o espaço livre. Iniciamos a série com a narrativa do arquiteto Luciano Fiaschi a relatar-nos sua experiência desde o final de sua graduação na FAUUSP, no final da década de 60, discorrendo sobre sua formação e atuação profissional ao longo destes últimos 30 anos e postura perante a atividade do arquiteto que constrói a paisagem.

Fany Galender

(1) BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1989.

(2) FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. São Paulo: Zahar, 1978, 2 ed.

(3) LE DANTEC, Jean-Pierre. *Jardins et paysages*. Paris: Larousse, 1996.